

GESTÃO CULTURAL

José Márcio Barros¹

APRESENTAÇÃO

Aqui estão seis trabalhos de alunos/gestores da cultura que construíram seus percursos formativos na segunda turma do Curso Sesc de Gestão Cultural, realizada entre 2014 e 2015. Com o objetivo de tornar pública a produção desenvolvida durante o processo do curso, estes ensaios revelam o que há de mais potente quando o contexto é de formação: a transformação da realidade vivida por seus participantes em perguntas e a busca por respostas. Uma experiência de entranhar, estranhar e desentranhar a realidade, e assim fazer emergir os sentidos antes velados e ocultos, como nos sugere Juremir Machado da Silva (2015). São trabalhos que revelam as diversas camadas do real que envolve a cultura em suas dimensões da gestão e da mediação.

Mas não se trata de qualquer experiência. Segundo Bondía (2002, p.21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Portanto, experiência resulta da qualidade da relação dos sujeitos e seus objetos. É fruto da mistura e da depuração que a consciência crítica e subjetiva consegue realizar. Nessa perspectiva, processos de formação só se efetivam como experiência, se vividos como percursos, caminhos que cada um trilha em meio ao todo do grupo, mas que é construído a partir de interesses, competências e disponibilidades que são da ordem do indivíduo. E é isso que estes ensaios também revelam, como decorrência daquilo que parece ser o ponto central da vitalidade e inovação do Curso Sesc de Gestão Cultural. Ao oferecer aos alunos um espectro rico e diverso de práticas e perspectivas conceituais de gestão e mediação cultural, configura e convida seus participantes a uma experiência complexa, simultaneamente cognitiva e afetiva, uma experiência que contamina seus fazeres e os convida a outras plataformas de pensamento. Um curso que afeta cada um que nele atua, seja como professor, aluno ou tutor. Um curso que cria afeição e tensões, buscas e encontros, perguntas e respostas.

Começamos com o belo ensaio “Caderno da Memória de Campo: apontamentos da gestão coletiva audiovisual”, de Antonia Moura. Aqui, a autora organiza na forma de narrativas de percursos a memória do Coletivo

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC Minas. Coordena o GP Observatório da Diversidade Cultural, integra o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - CULT, coordena o Programa Pensar e Agir com a Cultura e integra a Rede de Pesquisadores em Políticas Culturais. É também professor do Curso Sesc de Gestão Cultural.

Audiovisual Guaiamum Filmes. Com foco na tentativa de realização do primeiro filme “Nosso Tempo é Agora”, iniciado e inacabado, o texto mostra não a história de um projeto inconcluso e seus fracassos, mas as dimensões imateriais, quase invisíveis, da experiência de se produzir no campo audiovisual do Brasil. Já Renê Mainardi, em seu estudo de caso intitulado “Territórios Alternativos: Experiências e desafios de espaços independentes de artes visuais contemporâneas – A Sechiisland República Corporal como estudo de caso.”, nos leva a uma dupla outra espacialidade: nos deslocamos para a cidade de Rio Claro e nos inserimos nos desafios institucionais e políticos para a consolidação de um espaço cultural independente, destacando os (des)encontros com as políticas públicas.

“Experienciar museus: um olhar sobre o Museu da Pessoa”, de Rosana Miziara, descreve e reflete sobre uma das mais criativas experiências de museologia social no Brasil, o Museu da Pessoa. Destacando duas ações exemplares, a unidade móvel da cabine de captação de depoimentos e o projeto com transexuais e travestis da região central da cidade de São Paulo, o ensaio permite o reconhecimento da potência das novas configurações e práticas com a memória e a oralidade.

Luane Araújo da Silva, em instigante ensaio intitulado “As ruas são para dançar - mapas, labirintos e caminhos no BaixoCentro”, aborda o modelo de gestão, horizontal e em rede, deste festival nos anos de 2012, 2013 e 2014, revelando duas questões fundamentais: a sustentabilidade dinâmica de um trabalho colaborativo e sua ancoragem na questão sempre atual do direito à ocupação e uso do espaço público.

A investigação do modelo de gestão de 15 companhias de teatro da cidade de São Paulo é do que ocupa o ensaio “Planejamento estratégico em companhias teatrais: modelos de gestão, missão, visão e valores” de autoria de Caroline Marinho Martin. Seu objetivo é o de identificar as regularidades das diretrizes estratégicas em cada uma das companhias investigadas, de modo a contribuir para que os iniciantes na área possam compreender e se apropriar de modelos e desafios de gestão.

A questão da memória oral retorna no trabalho de Gustavo Ribeiro Sanchez. O ensaio “História oral como recurso ao Mundo das Artes na produção de indicadores qualitativos” enfrenta o desafio de se aproximar os conceitos de experiência, linguagem e memória, de forma a apontar para as possibilidades de uso da memória oral como recurso para a gestão cultural. Tal aproximação se dá a partir do reconhecimento da importância das narrativas dos fazedores de cultura, tomados como sujeitos e protagonistas.

Se a gestão e a mediação constituem o foco temático de todos os trabalhos, as diferenças na ancoragem conceitual, a variedade de contextos culturais e institucionais e a diversidade de suas temporalidades e territorialidades, asseguram a riqueza individual e coletiva dos trabalhos.

Certamente, uma oportunidade para que o leitor conheça e se reconheça em cada um dos *cases* estudados.

REFERÊNCIAS:

- MACHADO da Silva, Juremir, *O Que Pesquisar Quer Dizer - Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes*, Porto Alegre, Ed. Sulina, 2015
- BONDÍA, Jorge Larrosa, *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19, p. 19 a 28